

VARIAÇÃO NOS NÍVEIS DE CORTISOL EM TRÊS CÃES SUBMETIDOS AO BANHO E TOSA: UM RELATO DE CASO PILOTO

GRANDO, Caira
KROLIKOWSKI, Giovanni

INTRODUÇÃO

O banho e tosa convencional é um procedimento comum na rotina de cães, mas pode constituir uma fonte de estresse agudo, mensurável através de alterações nos níveis de cortisol. O estudo teve como objetivo descrever as variações nos níveis séricos de cortisol e no comportamento de três cães submetidos a este procedimento, apresentando um estudo piloto que discute a viabilidade metodológica e tendências preliminares.

DESENVOLVIMENTO

O estresse em animais de companhia, principalmente em cães, é uma resposta fisiológica e comportamental a estímulos percebidos como ameaçadores ou desconfortáveis. Essa resposta é mediada pelo eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), responsável pela liberação de hormônios como o cortisol, que é amplamente utilizado como marcador de estresse em mamíferos (BEERDA *et al.*, 1997).

O procedimento de banho e tosa convencional é frequentemente associado a elevações nos níveis de cortisol em cães, indicando que esse evento é potencialmente estressante. Um estudo de Part *et al.* (2014) mostrou que cães submetidos à tosa apresentaram aumento significativo nos níveis de cortisol imediatamente após o procedimento, associado tanto ao manejo físico quanto ao ambiente desconhecido.

O local da higienização pode parecer inofensivo, mas nele podem ocorrer traumas físicos e emocionais. A espera dentro de uma gaiola, a manipulação durante o banho e secagem, o contato com diferentes animais ao redor e os ruídos ambientais constituem um processo potencialmente angustiante para o indivíduo (GUERREIRO, 2018; FERREIRA, 2021). Os agentes estressores no banho e tosa são, portanto, inevitáveis em um ambiente convencional (HIBY, ROONEY & BRADSHAW, 2006).

O trabalho em si, trata-se de um estudo de caso piloto, de caráter descritivo e longitudinal do tipo "antes-e-depois" (PEREIRA, 2019). Este delineamento foi escolhido por permitir a comparação de uma variável (nível de cortisol) no mesmo indivíduo, em dois momentos distintos: antes e após uma intervenção ou exposição (neste caso, o procedimento de banho e tosa).

A amostra, não probabilística por conveniência, foi composta por três cães do mesmo tutor, submetidos ao mesmo protocolo de banho e tosa no mesmo dia e local.

O grupo foi formado por:

Paciente 1: canino, SRD, fêmea, 11 anos.

Paciente 2: canino, SRD, fêmea, 6 anos.

Paciente 3: canino, Pinscher, macho, 7 anos.

Foram realizadas duas coletas de sangue venoso de cada animal, por um médico-veterinário responsável:

T0 (Pré-procedimento/Basal): Imediatamente após a chegada ao estabelecimento, antes de qualquer manipulação para o banho e tosa.

T1 (Pós-procedimento): Imediatamente após a conclusão de todo o procedimento de banho, secagem e tosa.

NOME (RAÇA/IDADE)	CORTISOL T0 (PRÉ)	CORTISOL T1 (PÓS)	VARIAÇÃO ABSOLUTA (Δ)	VARIAÇÃO PERCENTUAL (%)	STATUS PÓS-PROCEDIMENTO
Paciente 1 (SRD, 11 anos)	2,92	6,08	+3,16	+108%	Acima do VR
Paciente 2 (SRD, 6 anos)	1,87	8,02	+6,15	+329%	Acima do VR
Paciente 3 (Pinscher, 7 anos)	<1,0*	6,67	>+5,67	>+567%	Acima do VR

*Valor utilizado para cálculo: 1,0 µg/dL. VR = Valor de Referência (2 - 6 µg/dL).

O fato de o valor pós-procedimento de todos os cães ter ultrapassado o limite superior do intervalo de referência (6,0 µg/dL) é crucial. Isto transcende uma mera flutuação fisiológica e indica uma resposta de estresse agudo clinicamente relevante (MILLS *et al.*, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este piloto não se encerra em si mesmo, ele cumpre seu papel ao demonstrar, de forma irrefutável, a necessidade urgente de se repensar práticas e ambientes. Os resultados aqui apresentados são um argumento sólido para a implementação e validação de protocolos de baixo estresse, como a dessensibilização gradual, o uso de reforço positivo e a adaptação do ambiente sensorial. A transição de um modelo "convencional" para um modelo "consciente" do bem-estar animal não é mais uma opção, mas uma obrigação ética e técnica da Medicina Veterinária.

REFERÊNCIAS

- BEERDA, B. Schilder M. B. H.; Vries H. W.; Mol J. A. **Behavioural, saliva cortisol and heart rate responses to different types of stimuli in dogs.** Applied Animal Behaviour Science, v. 58, p. 365–381, 1997
- FERREIRA, M. **Estresse em cães no processo de higienização em pet shop.** Dissertação apresentada à faculdade estadual de Monte Claros. Janaúba 2020.
- GUERREIRO, F, D. **Análise dos níveis de cortisol sanguíneo e distúrbios comportamentais em cães no banho e secagem.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Dr. Francisco Maeda. Ituverava, 2018.
- HIBY, E. F.; ROONEY, N. J.; BRADSHAW, J. W. S. **Dog training methods: their use, effectiveness and interaction with behaviour and welfare.** Animal Welfare, v. 13, p. 63–69, 2006.
- MILLS, D. S.; Dube M. B.; Zulch H. **Stress and Pheromonotherapy in Small Animal Clinical Behaviour.** Wiley-Blackwell, 2014.
- PART, C. E.; Kiddie J. L.; Hayes W. A.; Mills D. S.; Neville R. F.; Morton D. B.; Collins L. M. **Physiological, physical and behavioural changes in dogs (Canis familiaris) when kennelled: Testing the validity of stress parameters.** Physiology & Behavior, v. 133, p. 260–271, 2014.
- PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e Prática.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.